
Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes*

Donna Haraway [1]

Não há dúvida de que os processos antrópicos tiveram efeitos planetários, em inter/intra-ção com outros processos e espécies, desde que nos reconhecemos como espécie (algumas dezenas de milhares de anos) e investimos em uma agricultura em larga escala (alguns milhares de anos). Certamente que, desde o início, as bactérias e seus parentes foram, e ainda são, os maiores de todos os terraformadores (e reformadores) planetários, também em uma miríade de tipos de inter/intra-ção (incluindo as pessoas e suas práticas, tecnológicas e outras)². A propagação de plantas por dispersão de sementes, milhões de anos antes da agricultura humana, representou uma grande mudança no planeta, e assim foram muitos outros eventos ecológicos de desenvolvimento histórico, revolucionários e evolucionários.

As pessoas iniciaram essa discussão³ muito cedo e de forma dinâmica, mesmo antes deles/nós sermos chamados de *Homo sapiens*. Mas penso que a relevância de nomear de Antropoceno, Plantationoceno ou Capitaloceno tem a ver com a escala, a relação taxa/velocidade, a sincronicidade e a complexidade. A questão constante, quando se considera fenômenos sistêmicos, tem de ser: quando as mudanças de grau tornam-se mudanças de espécie? E quais são

os efeitos das pessoas (não o Humano) situadas bioculturalmente, biotecnologicamente, biopoliticamente e historicamente em relação a, e combinado com, os efeitos de outros arranjos de espécies e outras forças bióticas/abióticas? Nenhuma espécie, nem mesmo a nossa própria - essa espécie arrogante que finge ser constituída de bons indivíduos nos chamados roteiros Ocidentais modernos - age sozinha; arranjos⁴ de espécies orgânicas e de atores abióticos fazem história, tanto evolucionária como de outros tipos também.

Mas há um ponto de inflexão das consequências que muda o nome do “jogo” da vida na terra para todos e tudo? Trata-se de mais do que “mudanças climáticas”; trata-se também da enorme carga de produtos químicos tóxicos, de mineração, de esgotamento de lagos e rios, sob e acima do solo, de simplificação de ecossistemas, de grandes genocídios de pessoas e outros seres etc., em padrões sistemicamente ligados que podem gerar repetidos e devastadores colapsos do sistema. A recursividade pode ser terrível.

Anna Tsing (2015), em um artigo recente chamado “Feral Biologies”, sugere que o ponto de inflexão entre o Holoceno e o Antropoceno pode eliminar a maior parte dos refúgios a

[1] Donna Haraway leciona História da Consciência na University of California, Santa Cruz (EUA).

partir dos quais diversos grupos de espécies (com ou sem pessoas) podem ser reconstituídos após eventos extremos (como desertificação, desmatamento...). Isso tem parentesco com o argumento da World-Ecology, Research Network, coordenada por Jason Moore, de que a natureza barata está no fim; o barateamento da natureza não pode continuar mais a sustentar a extração e a produção no e do mundo contemporâneo, porque a maioria das reservas da terra foram drenadas, queimadas, esgotadas, envenenadas, exterminadas e, de várias outras formas, exauridas⁵. Vastos investimentos em tecnologias extremamente criativas e destrutivas podem conter esse acerto de contas, mas a natureza barata realmente acabou. Anna Tsing argumenta que o Holoceno foi um longo período em que os refúgios, os locais de refúgio, ainda existiam, e eram até mesmo abundantes, sustentando a reformulação da rica diversidade cultural e biológica. Talvez a indignação merecedora de um nome como Antropoceno seja a da destruição de espaços-tempos de refúgio para as pessoas e outros seres. Eu, juntamente com outras pessoas, penso que o Antropoceno é mais um evento-limite do que uma época, como a fronteira K-Pg entre o Cretáceo e o Paleoceno⁶. O Antropoceno marca descontinuidades graves; o que vem depois não será como o que veio antes. Penso que o nosso trabalho é fazer com que o Antropoceno seja tão curto e tênue quanto possível, e cultivar, uns com os outros, em todos os sentidos imagináveis, épocas por vir que possam reconstituir os refúgios.

Neste momento, a terra está cheia de refugiados, humanos e não humanos, e sem refúgios.

Então, penso que mais do que um grande nome, na verdade, é preciso pensar num novo e potente nome. Assim, Antropoceno, Plantationoceno⁷ e Capitaloceno (termo de Andreas Malm e Jason

Moore antes de ser meu)⁸. E também insisto em que precisamos de um nome para as dinâmicas de forças e poderes sim⁹-chthonicas em curso, das quais as pessoas são uma parte, dentro das quais esse processo está em jogo. Talvez, mas só talvez, e apenas com intenso compromisso e trabalho colaborativo com outros terranos, será possível fazer florescer arranjos multiespécies ricas, que incluam as pessoas. Estou chamando tudo isso de Chthuluceno - passado, presente e o que está por vir¹⁰. Estes espaços-tempos reais e possíveis não foram nomeados após o pesadelo-racista e misógino do monstro Cthulhu (note diferença na ortografia), do escritor de ficção científica H. P. Lovecraft, e sim após os diversos poderes e forças tentaculares de toda a terra e das coisas recolhidas com nomes como Naga, Gaia, Tangaroa (emerge da plenitude aquática de Papa), Terra, Haniyasu-hime, Mulher-Aranha, Pachamama, Oya, Gorgo, Raven, A'akuluujjusi e muitas mais. "Meu" Chthuluceno, mesmo sobrecarregado com seus problemáticos tentáculos gregos, emaranha-se com uma miríade de temporalidades e espacialidades e uma miríade de entidades em arranjos intrativos, incluindo mais-que-humanos, outros-que-não-humanos, desumanos e humano-como-húmus (*human-ashumus*). Mesmo num texto em inglês-americano como este, Naga, Gaia, Tangaroa, Medusa, Mulher-Aranha, e todos os seus parentes, são alguns dos muitos mil nomes próprios para uma linhagem de ficção científica que Lovecraft não poderia ter imaginado ou abraçado - ou seja, teias de fabulação especulativa, feminismo especulativo, ficção científica e fatos científicos¹¹. O que importa é que narrativas contam narrativas, e que conceitos pensam conceitos. Matematicamente, visualmente e narrativamente, é importante pensar que figuras figuram figuras, que sistemas sistematizam sistemas.

Todos os mil nomes propostos são grandes demais e pequenos demais; todas as histórias são grandes demais e pequenas demais. Como Jim Clifford me ensinou, nós precisamos de narrativas (e teorias) que sejam grandes o bastante (e não mais que isso) para reunir as complexidades e manter as bordas abertas e ávidas por novas e velhas conexões surpreendentes (CLIFFORD, 2013).

Uma maneira de viver e morrer bem, como seres mortais no Chthuluceno, é unir forças para reconstituir refúgios, para tornar possível uma parcial e robusta recuperação e recomposição biológica-cultural-política-tecnológica, que deve incluir o luto por perdas irreversíveis. Thom van Dooren (2014) e Vinciane Despret (2013) me ensinaram isso¹². Há tantas perdas já, e haverá muitas mais. Esse renovado florescimento generativo não pode ser criado a partir de mitos de imortalidade ou do fracasso de nos tornarmos parte dos mortos e extintos. Há um monte de trabalho para o Orador dos Mortos de Orson Scott Card (1986) e ainda mais para a reformulação de Ursula Le Guin em *Always Coming Home*.

Eu sou uma compostista, não uma pós-humanista: somos todos compostos, adubo, não pós-humanos. O limite que é o Antropoceno/Capitaloceno significa muitas coisas, incluindo o fato de que a imensa destruição irreversível está realmente ocorrendo, não só para os 11 bilhões ou mais de pessoas que vão estar na terra perto do final do século 21, mas também para uma miríade de outros seres. (O número incompreensível, mas sóbrio, de cerca de 11 bilhões somente será mantido se as taxas de natalidade de bebês humanos, em todo o mundo atual, permanecerem baixas; se elas subirem novamente, todas as apostas caem por terra). “À beira da extinção” não é apenas

uma metáfora; e “colapso de sistema” não é um filme de suspense. Pergunte a qualquer refugiado, de qualquer espécie.

O Chthuluceno precisa de pelo menos um *slogan* (certamente, mais do que um); continuam gritando “Ciborgues para Sobrevivência Terrestre”, “Corra Rápido, Morda Forte” e “Cale-se e Treine”, eu proponho “Faça Parentes, Não Bebês!”. Fazer parentes é, talvez, a parte mais difícil e mais urgente do problema. As feministas do nosso tempo têm sido líderes em desvendar a suposta necessidade natural dos laços entre sexo e gênero, raça e sexo, raça e nação, classe e raça, gênero e morfologia, sexo e reprodução, e reprodução e composição de pessoas (nossa dívida aqui especialmente para com os melanésios, em aliança com Marilyn Strathern (1990) e seus parentes etnógrafos). Se for para existir uma ecojustiça de multiespécies, que esta também possa abraçar a diversidade das pessoas. É chegada a hora de as feministas exercerem liderança também na imaginação, na teoria e na ação, para desfazer ambos os laços: de genealogia/parentesco e parentes/espécies.

Bactérias e fungos são excelentes para nos dar metáforas, mas, metáforas a parte (boa sorte com isso!), nós temos um trabalho de mamífero a fazer com os nossos colaboradores e co-trabalhadores sim-poiéticos, bióticos e abióticos. Precisamos fazer parentes sim-chthonicamente, sim-poieticamente. Quem e o que quer que sejamos, precisamos fazer-com - tornar-com, compor-com - os “terrano” (obrigado por esse termo, Bruno Latour-em-modo anglófono)¹³. Nós, pessoas humanas em todos os lugares, devemos abordar as urgências sistêmicas intensas; no entanto, até agora, como Kim Stanley Robinson (2012) colocou em 2312, estamos vivendo tempos de “Hesitação” (esta

narrativa de ficção científica, que vai de 2005 a 2060, é demasiado otimista?), um “estado de agitação incerto”¹⁴. Talvez “A hesitação” seja um nome mais apropriado do que Antropoceno ou Capitaloceno! “A hesitação” será gravada nos estratos rochosos da terra; na verdade, já está escrita nas camadas mineralizadas da terra. Os sim-ctônicos não hesitam; eles compõem e se decompõem, práticas tão perigosas quanto promissoras. O mínimo que se pode dizer é que a hegemonia humana não é um caso sim-chthonico. Como definem os artistas ecossexuais Beth Stephens e Annie Sprinkle, a compostagem é tão quente!

Meu propósito é fazer com que “parente” signifique algo diferente, mais do que entidades ligadas por ancestralidade ou genealogia. O movimento suave de desfamiliarização pode parecer, por um momento, um erro, mas depois (com sorte) aparecerá sempre como correto. Fazer parentes é fazer pessoas, não necessariamente como indivíduos ou como seres humanos. Na Universidade, fui movida pelos trocadilhos de Shakespeare, *kin* e *kind* (parente e gentil em português) - os mais *gentis* não eram necessariamente parentes de uma mesma família; tornar-se parente e tornar-se gentil (como categoria, cuidado, parente sem laços de nascimento, parentes paralelos, e vários outros ecos) expande a imaginação e pode mudar a história. Marilyn Strathern me ensinou que os “parentes”, em inglês britânico, eram originalmente “relações lógicas” e só se tornaram “membros da família” no século 17. Este, definitivamente, está entre os factóides que eu amo¹⁵. Saia do inglês e os selvagens se multiplicam. Penso que a extensão e a recomposição da palavra “parente” são permitidas pelo fato de que todos os terráqueos são parentes, no sentido mais profundo, e já passaram da hora de começar a cuidar dos

tipos-como-arranjos (não espécies uma por vez). Parentesco é uma palavra que traz em si um arranjo. Todos os seres compartilham de uma “carne” comum, paralelamente, semioticamente e genealógicamente. Os antepassados mostram-se estranhos muito interessantes; parentes são não familiares (fora do que pensávamos ser a família ou os genes), estranhos, assombrosos, ativos¹⁶.

Demais para um pequeno *slogan*, eu sei! Ainda assim, tente. Nos próximos dois séculos, ou mais, talvez os seres humanos deste planeta possam ser novamente dois ou três bilhões, aproximadamente e, nesse tempo, fazer parte de um bem-estar cada vez maior para os diversos seres humanos e outros seres, agindo como meios e não apenas como fins. Então, faça parentes, não bebês! O que importa é como parentes geram parentes¹⁷.

Tradução de Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy

REFERÊNCIAS

- BARAD, K. **Meeting the Universe Halfway**. Durham, UC: Duke University Press, 2007.
- CARD, O. S. **Speaker for the Dead**. New York: Tor Books, 1986.
- CLIFFORD, J. **Returns: Becoming Indigenous in the Twenty-first Century**. Cambridge MA: Harvard University Press, 2013.
- DESPRET, V. **Ceux qui insistent**. In: DEBAISE, D et al. (dir.). **Faire Art comme on fait société: les nouveaux commanditaires**. Dijon: Le Presses du Réel, 2013.

GILBERT, S.F.; EPEL, D. **Ecological Developmental Biology**. 2nd ed. USA: Sinauer Associates, 2015.

HAKIM, D. Sex Education in Europe Turns to urging more births. **The New York Times**, 8/4/2015. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2015/04/09/business/international/sex-education-in-europe-turns-to-urging-more-births.html>>.

LATOUR, B. Facing Gaïa: Six lectures on the political theology of Nature. Gifford Lectures, 18-28 febr. 2013.

MOORE, J. **Capitalism in the Web of Life**. New York: Verso, 2015.

ROBINSON, K. S. **2312**. London: Orbit, 2012.

SKURNICK, L. **That should be a word**. New York: Workman, 2015.

STRATHERN, M. **The gender of the gift: problems with women and problems with society in Melanesia**. Oakland CA: University of California Press, 1990.

_____. Shifting Relations. Paper for the Emerging Worlds Workshop, University of California at Santa Cruz, 8 febr. 2013.

TSING, A. Feral Biologies. Paper for Anthropological Visions of Sustainable Futures, University College London, February 2015.

_____. **The Mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2015.

VANDOOREN, T. **Flight ways: life and loss at the edge of extinction**. New York: Columbia University Press, 2014.

WILSON, K. The 'New' Global Population Control Policies: Fueling India's Sterilization Atrocities. **Different Takes**, n. 87, p. 1-5, winter 2015. Disponível em: <https://dspace.hampshire.edu/bitstream/10009/940/1/popdev_differenttakes_087.pdf>.

Recebido em: 1/03/2016

Aceito em: 10/03/2016

* Permission is granted for non-exclusive world rights in the Portuguese language for one edition of the *ClimaCom* journal/Spring 2016. No other rights are granted. This is for electronic/digital media only, of the following described material: "Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin", in *Environmental Humanities*, Volume 6. Copyright, 2015, Duke University Press. All rights reserved. Republished by permission of the copyright holder, Duke University Press (www.dukeupress.edu). This will also be chapter within the book *Staying with the Trouble* forthcoming in 2016 from Duke University Press.

Nossos mais sinceros agradecimentos a Donna Haraway e a Diane Grossé pela gentileza e generosidade.

² Intra-ação é um conceito de Karen Barad (2007). Continuo usando inter-ação a fim de permanecer legível para o público que ainda não compreende as mudanças radicais que a análise de Barad exige, mas, também, provavelmente, faço isso em razão dos meus hábitos linguísticos promíscuos.

³ [N.T.] Aqui a autora se refere ao debate em torno das designações Antropoceno, Capitaloceno etc.

⁴ [N.T.] Onde a autora usa "assemblage" traduzimos por "arranjos".

⁵ Cf. Moore (2015). Muitos dos ensaios de Moore podem ser encontrados em: <<https://jasonwmoore.wordpress.com/>>.

⁶ Devo a Scott Gilbert por ressaltar, durante o seminário *Ethnos* e outras interações, na Universidade de Aarhus, em outubro de 2014, que o Antropoceno (e o Plantationoceno) deve ser considerado um evento-limite, como a fronteira K-Pg, e não uma época. Ver nota 7 abaixo.

⁷ Em uma conversa gravada para *Ethnos*, na Universidade de Aarhus, em outubro de 2014, os participantes coletivamente geraram o nome Plantationoceno para a transformação devastadora oriunda de diversos tipos de fazendas com tendências humanas, pastos, e florestas em

plantações extrativas e fechadas, baseadas em trabalho escravo e outras formas de trabalho explorado, alienado, e, geralmente, deslocado espacialmente. A conversa transcrita será publicada como “Anthropologists Are Talking About the Anthropocene”, em *Ethnos* [N.T. a publicação aconteceu em 2016, ver *Ethnos: Journal of Anthropology*, v. 81, n. 3). Os estudiosos já entendem faz tempo que o sistema de plantação baseado no trabalho escravo foi o modelo e motor dos sistemas de produção à base de máquinas ávidas pelo consumo de carbono, frequentemente citados como ponto de inflexão para o Antropoceno. Nutridas, mesmo nas circunstâncias mais adversas, as hortas de escravos não só forneceram comida humana fundamental, mas também refúgios para uma biodiversidade de plantas, animais, fungos e tipos de solos. As hortas de escravos são um mundo pouco explorado, especialmente em comparação com jardins botânicos imperiais, em termos de dispersão e propagação de uma miríade de seres. Mover essa geratividade semiótica material ao redor do mundo, para a acumulação de capital e de lucros - o deslocamento rápido e a reformulação de germoplasma, genomas, estacas, e todos os outros nomes e formas de pedaços de organismos e plantas, animais e pessoas desenraizados -, é uma operação de definição do Plantationoceno, do Capitaloceno e do Antropoceno tomados em conjunto. O Plantationoceno prossegue com crescente ferocidade na produção global de carne industrializada, no agronegócio da monocultura, e nas imensas substituições de florestas multiespecíficas, que sustentam tanto os humanos quanto os não humanos, por culturas que produzem, por exemplo, óleo de palma. Os participantes do seminário *Ethnos* incluíram Noboru Ishikawa (Antropologia, Center for South EastAsianStudies, Kyoto University); Anna Tsing (Antropologia, University of California, Santa Cruz); Donna Haraway (História da Consciência, University of California, Santa Cruz); Scott F. Gilbert (Biologia, Swarthmore); Nils Bubandt (Departamento de Cultura e Sociedade, Aarhus University); e Kenneth Olwig (Arquitetura e Paisagismo, Swedish University of Agricultural Sciences). Gilbert adotou o termo Plantationoceno para argumentos-chave na sua coda para a segunda edição do livro amplamente utilizado (ver GILBERT; EPEL, 2015).

⁸ Em comunicação pessoal por e-mail, Jason Moore e Alf Hornborg, no final de 2014, disseram-me que Malm propôs o termo Capitaloceno em um seminário em Lund, na Suécia, em 2009, quando ele ainda era um estudante de pós-graduação. Usei pela primeira vez o termo de forma independente em palestras públicas a partir de 2012. Moore está editando um livro intitulado *Capitalocene* (Oakland CA: PM Press, no prelo), que terá ensaios de Moore, Malm, meu e de Elmar Altvater. Nossas redes colaborativas aumentaram.

⁹ [N.T.] No original, a autora utiliza o prefix *sym-* (ou *syn-*). Etimologicamente, seu sentido é “junto, conjuntamente”, caso do prefixo *sim-* (ou *sin-*) em português.

¹⁰ O sufixo “-ceno” prolifera! Arrisco esta superabundância

porque estou no encaixe dos significados da raiz de “-cene/kainos”, a saber, a temporalidade do “agora” espesso, fibroso e irregular, que é antiga, mas não é.

¹¹ “Mil Nomes de Gaia/The Thousand Names Of Gaia” foi uma conferência internacional organizada por Eduardo Viveiros de Castro, Déborah Danowski e seus colaboradores, em setembro de 2014, no Rio de Janeiro. Algumas em português e algumas em inglês, muitas das palestras da conferência podem ser assistidas em: <<https://www.youtube.com/c/osmilnomesdegaia/videos>>. Minha contribuição sobre o Antropoceno e o Chthuluceno foi feita por Skype, e está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1x0oxUH0IA8>>.

¹² Encontramos importantes ensaios de Vinciane Despret traduzidos para o inglês, ver *Angelaki*, v. 20, n. 2, número especial *Etologia II: Vinciane Despret*, publicado em 2015 e editado por Brett Buchanan, Jeffrey Bussolini e Matthew Chrulew, prefácio de Donna Haraway, intitulado “A Curious Practice”.

¹³ Ver Bruno Latour, “Facing Gaia: Six Lecture son the Political Theology of Nature”, Gifford Lectures, 18-28 de fevereiro de 2013.

¹⁴ Esta narrativa de ficção científica extraordinária ganhou o Prêmio Nebula de melhor romance.

¹⁵ Ver Strathern (2013). Fazer parentes é uma prática popular em alta, e os novos nomes também estão proliferando. Veja Lizzie Skurnick, *That Should Be a Word* (NY: Workman Publishing, 2015) para “parentinovador” (*kinnovator*), uma pessoa que cria famílias de formas não convencionais, à qual acrescento parentinovação (*kinnovation*). Skurnick também propõe “clãnarquista” (*clanarchist*). Estas não são apenas palavras; são pistas e estímulos para sismos na criação de parentes que não estão limitados aos dispositivos da família ocidental, heteronormativos ou não. Penso que os bebês deveriam ser raros, cuidados, e preciosos; e os parentes deveriam ser abundantes, inesperados, duradouros e preciosos.

¹⁶ “Gens” é outra palavra, de origem patriarcal, que as feministas estão usando. As origens e os fins não determinam um ao outro. Parentes e gens fazem parte da mesma origem na história das línguas indo-europeias. Para esperançosos momentos comunistas de intra-ação, veja <<http://culanth.org/fieldsights/652-gens-afeminist-manifesto-for-the-study-of-capitalism>>, por Laura Bear, Karen Ho, Anna Tsing e Sylvia Yanagisako. A escrita é talvez demasiado sucinta (embora esses resumos ajudem), e não há exemplos excitantes nesse Manifesto para atrair o leitor mal acostumado; mas as referências dão muitos recursos para fazer tudo isso, a maioria etnografias fruto de trabalhos de longo prazo, com íntimo envolvimento e profundamente teorizadas. Ver especialmente Anna Tsing (2015). A precisão da abordagem metodológica na “Gens: a Feminist Manifesto

for the Study of Capitalism” está em sua abordagem voltada àqueles pretensos marxistas ou outros teóricos que resistem ao feminismo, e que, portanto, não se envolvem com a heterogeneidade dos mundos da vida real, mas ficam com categorias como Mercado, Economia, Financeirização (ou, gostaria de acrescentar, Reprodução, Produção e População, em suma, categorias supostamente adequadas de economia política socialista liberal e não feminista padrão). *Go, Honolulu's Revolution Books* e todos os seus afins!

¹⁷ A minha experiência é que aqueles que me são caros, como “nosso povo”, na esquerda ou qualquer nome que ainda possamos usar sem apoplexia, escutam neoimperialismo, neoliberalismo, misoginia e racismo (quem pode culpá-los?) na parte “não bebês” da frase “Faça parentes, não bebês”. Nós imaginamos que a parte “Faça parentes” é mais fácil, ética e politicamente situada em terreno mais firme. Não é verdade! “Faça parentes” e “não bebês” são ambas difíceis; ambas exigem a nossa melhor criatividade emocional, intelectual, artística e política, tanto individual como coletivamente, através das diferenças ideológicas e regionais, entre outras. Minha sensação é a de que nosso povo pode ser parcialmente comparado com o negacionismo cristão das mudanças climáticas: crenças e compromissos são profundos demais para permitir uma revisão do pensar e do sentir. Ao revisitar o que foi tomado pela direita e pelos profissionais do desenvolvimento como “explosão populacional”, nosso povo pode se sentir como quem vai para o lado obscuro.

Mas a negação não vai nos servir. Sei que “população” é uma categoria de Estado, o tipo de “abstração” e de “discurso” que refaz a realidade para todos, mas não para o benefício de todos. Eu também penso que evidências de muitos tipos, epistemológica e afetivamente comparáveis às evidências variadas para as rápidas mudanças climáticas, mostram que 7 a 11 bilhões de seres humanos fazem exigências que não podem ser suportadas sem imensos danos aos seres humanos e não humanos em todo o mundo. Este não é um assunto simples e casual; a Ecojustiça não tem uma abordagem de uma única variável possível para os repetidos extermínios, empobrecimentos e extinções na Terra atualmente. Mas culpar o Capitalismo, o Imperialismo, o Neoliberalismo, a Modernização, ou algum outro “não nós” pela destruição em curso, pavimentada pelo aumento populacional, também não vai funcionar. Estas questões exigem um trabalho difícil e incessante; mas também exigem alegria, disposição e capacidade de resposta para se envolver com os outros inesperados. Todas as partes dessas questões são importantes demais para a Terra, para deixarmos nas mãos da direita ou dos profissionais do desenvolvimento, ou de qualquer outra pessoa do ramo de negócios, como de costume. Aqui é um parentesco-diferente-não-natal e sem categoria!

Temos de encontrar maneiras de celebrar as baixas taxas de natalidade e de tomar decisões íntimas pessoais para criar vidas generosas e que floresçam (incluindo um parentesco

inovador e duradouro), sem fazer mais bebês - urgentemente e especialmente, mas não apenas em regiões, nações, comunidades, famílias e classes sociais ricas, abastadas e exportadoras de miséria. Precisamos encorajar a população e outras políticas que envolvem questões demográficas assustadoras por meio da proliferação de parentes não natais -, incluindo a imigração não racista, ambiental e políticas de apoio social aos recém-chegados e da mesma forma aos “nativos” (educação, habitação, saúde, gênero e criatividade sexual, agricultura, pedagogias para nutrir os seres não humanos, tecnologias e inovações sociais para manter as pessoas mais velhas saudáveis, produtivas etc.). O inalienável “direito” (que é uma palavra para uma matéria corporal tão consciente) pessoal de nascimento ou não de um novo bebê não está em questão para mim; a coerção é errada em todos os níveis imagináveis neste assunto, e tende a sair pela culatra, em qualquer caso, mesmo que se possa engolir essa lei ou costume coercitivo (eu não posso). Por outro lado, e se os novos normais se tornassem uma expectativa cultural que cada nova criança pudesse ter pelo menos três pais comprometidos na vida (que não são necessariamente os casais e que não gerariam mais novos bebês depois disso, embora possam viver em casas de multicrianças, famílias multigeracionais)? E se as práticas de adoção efetivas por e para os idosos se tornasse comum? E se os países que estão preocupados com as baixas taxas de natalidade (Dinamarca, Alemanha, Japão, Rússia, América branca, entre outros) reconhecessem que o medo dos imigrantes é um grande problema e que os projetos e fantasias de pureza racial conduzem ao ressurgimento do pró-natalismo? E se as pessoas, em todos os lugares, procurassem parentescos-inovadores não natais com indivíduos e coletivos em mundos *queer*, descoloniais e indígenas, em vez de buscar nos segmentos ricos e de extração de riqueza europeus, euro-americanos, chineses ou indianos? É bom lembrar que as fantasias de pureza racial e a recusa em aceitar os imigrantes como cidadãos plenos realmente conduzem a política agora no mundo “progressivo” e “desenvolvido”. Ver Hakim (2015). Rusten Hogness escreveu em um *post* no Facebook em 9 de abril de 2015: “O que está errado com a nossa imaginação e com a nossa capacidade de olharmos um para o outro (tanto humanos quanto não humanos), se não podemos encontrar maneiras de abordar questões levantadas pelas mudanças das distribuições de idade, sem fazer cada vez mais bebês humanos? Precisamos encontrar maneiras de celebrar as pessoas jovens que decidem não ter filhos, não adicionar o nacionalismo à já potente mistura de pressões pró-natalidade que existe sobre eles.”

O pró-natalismo, em seus disfarces poderosos, deveria estar em questão quase toda parte. Digo “quase” como uma ressalva sobre as consequências de um escândalo em curso com o genocídio e o deslocamento de povos. O “quase” é também um estímulo para lembrar o uso abusivo da esterilização na contemporaneidade, o uso de meios contraceptivos surpreendentemente impróprios e danosos, a redução de mulheres e homens à meras cifras nas velhas e

novas políticas de controle populacional, e outras práticas misóginas, patriarcais e racistas transformadas em negócio, como se faz em todo mundo. Ver, por exemplo, Wilson (2015).

Precisamos de um grande tempo em que nos apoiemos assumindo riscos uns dos outros, uns com os outros, sobre todas estas questões.